

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14663 - Resumo Expandido - Trabalho - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

GT25 – Educação e Povos Indígenas

ESCREVIVÊNCIA DE MAGNÓLIA KOKAMA

Hemily Pastanas Marinho - UEA-PPGED- Universidade do Estado do Amazonas

Rita de Cassia Fraga Machado - UEA-PPGED- Universidade do Estado do Amazonas

Agência e/ou Instituição Financiadora: Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas

ESCREVIVÊNCIA DE MAGNÓLIA KOKAMA

Resumo: A presente pesquisa é um ensaio teórico, no qual trazemos a escrevivência de Magnólia Cordeiro dos Santos, mulher indígena do povo Kokama, anciã da Aldeia Barreira da Missão de Baixo. Essa aldeia está localizada na Terra Indígena (TI) Barreira das Missões, no município de Tefê, Amazonas. O texto é resultado de entrevistas e pesquisa bibliográfica, com o objetivo de reconstituir o percurso biográfico dessa mulher indígena, a fim de visibilizar a sua escrevivência como um relato de resistência em meio ao processo de emergência das identidades indígenas na atualidade, com ênfase no território indígena Kokama do Médio Solimões.

Palavras-chave: Escrevivência; mulher indígena Kokama; Resistência Cultural; Médio Solimões.

INTRODUÇÃO

Os contextos históricos nos quais as sociedades indígenas foram inseridas contribuíram para a constituição do que temos hoje como tradição cultural. Como numa dança de poder entre os atores sociais e as legislações, elas foram conduzidas a ritmos desconhecidos e a necessidade de adaptação a esses novos obstáculos precisou ser fortemente exercitada.

Desse modo, chegaram ao ponto de estarem profundamente imersos nessas adaptações a uma outra cultura, não por não quererem ser mais indígenas, mas porque a ancestralidade cultural que carregam encontrava-se em processo de homogeneização pela cultura dominante. Ao olharem para o lócus da vida comunal, constataram as identificações étnicas cada vez menos visíveis. Diante disso, trazemos à luz os pensamentos de Cunha (2013, p.226):

A tradição cultural serve, por assim dizer, de reservatório onde se irão buscar, a medida das necessidades no novo meio, tradições culturais isoladas do todo, que servirão como sinais diacríticos para uma identificação étnica. A tradição cultural

seria, assim, seletivamente reconstruída, e não uma instância determinante.

Como um reservatório de memórias, vivência e cultura indígena Kokama, temos no foco desta pesquisa a indígena wija Magnólia Kokama, que se apresenta como “a Kokama”. Nas conversas transcritas nas páginas a seguir, apresentamos a sua escrevivência, na qual podemos identificar questões importantes referentes à mudança de pensamento sobre a cultura indígena, em que, gradativamente, a sensação de pertencimento da identidade étnica de modo coletivo com outros povos vem se reafirmando.

O povo Kokama vivenciou ao longo de sua história um constante movimento em busca de um lugar para viver. A justificativa para esse deslocamento é a necessidade de novas fontes de alimentos e água e também por conta de conflitos com outros povos, bem como em consequência de ações colonizatórias promovidas pelo Estado e pela Igreja. Conforme Almeida e Rubim (2012) Em meio à usurpação da terra, como parte de um projeto político hegemônico e colonizatório, houve ainda o silenciamento cultural, com a proibição do uso da língua Kokama e dos rituais que compõem a identidade coletiva desse povo. Desse modo, partindo-se do princípio de que a língua é o código que sistematiza a cultura de um povo, a negação de seu uso foi imensamente prejudicial para a sua identidade.

Encontramos na “escrevivência”, conceito cunhado por Conceição Evaristo, uma possibilidade de inserir na sociedade as nossas vivências identitárias em forma de histórias escritas, com os nossos modos de contar. Nessa dinâmica, pensamos nas perguntas que a autora faz quando se propõe a escrever: “E o que seria escrever nesse mundo? O que escrever, como escrever, para quê e para quem escrever? Escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação” (Evaristo, 2020, p. 35).

É nessa tentativa de respondermos às interrogações pessoais e coletivas sobre o direcionamento dessa escrita que observamos a necessidade de escrever a partir do arcabouço cultural das mulheres Kokama que nos cerca, como mulheres indígenas e não indígenas. Entendendo-nos como parte viva de um coletivo, presente em uma sociedade formada a partir de múltiplas culturas. E esse coletivo precisa se escrever no ambiente acadêmico, aldeando a escrita com cultura e vivência indígenas.

Metodologia

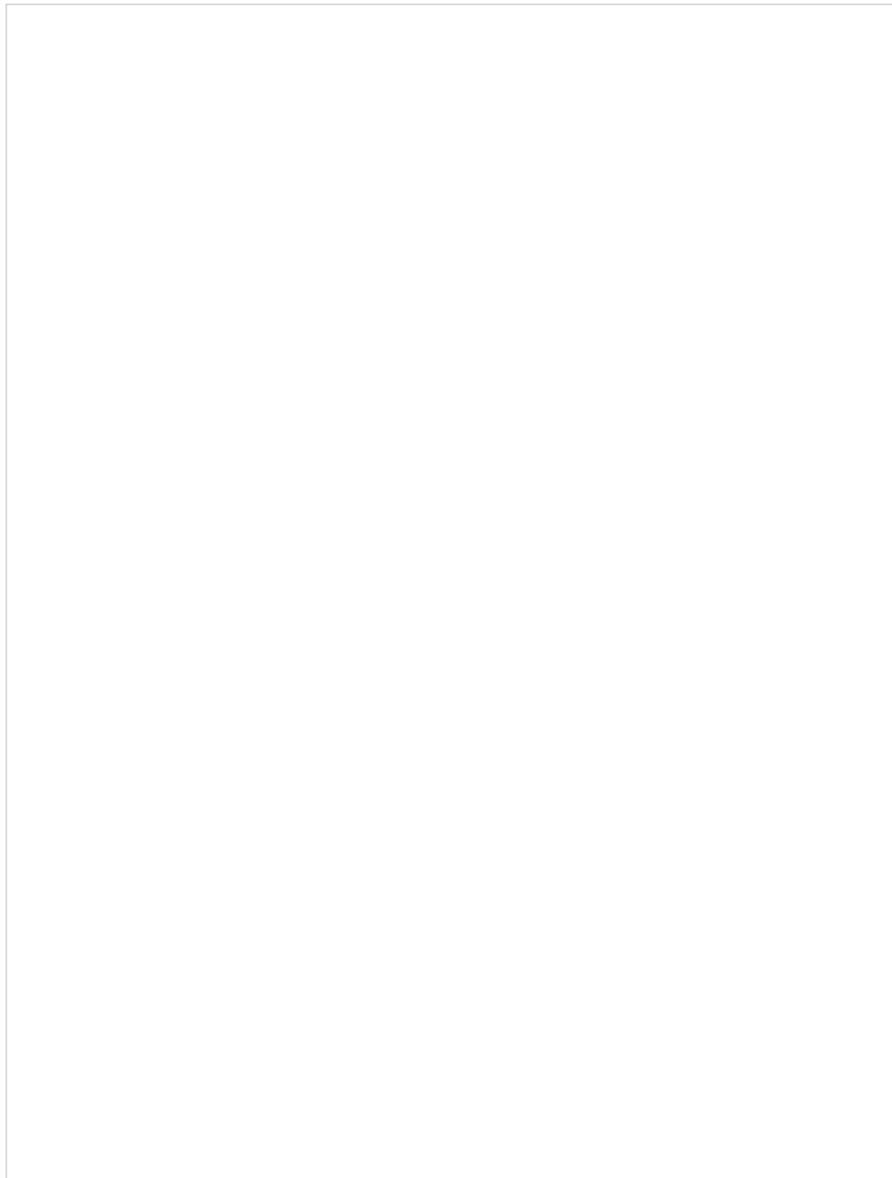
A metodologia adotada nesta investigação é baseada na abordagem qualitativa, o método escolhido foi a escrevivência, conceito/método criado por Conceição Evaristo, com a técnica de entrevistas semiestruturadas para coleta de dados. Os materiais utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa foram gravador de voz, computador, câmera, caderno de

campo, canoa e remo.

Reconstituir pela escrita o percurso biográfico da wija Magnólia Kokama oportuniza a socialização de conhecimentos e vivências ancestrais da cultura do povo Kokama pela perspectiva de uma mulher. Além disso, permite entender a dinâmica da vida em uma aldeia indígena, a partir da sua escrevivência para um coletivo. Para tanto, realizamos entrevistas nos meses de janeiro e agosto de 2023, na Aldeia Barreira de Baixo, TI Barreira das Missões, município de Tefé, Amazonas.

Quem é Magnólia Kokama?

Foto 1: Dona Magnólia na janela da sua casa, na aldeia do povo Kokama



Fonte: Hemily Kokama, 2023

Eu sou a Magnólia, sou a Kokama e eu moro aqui na Barreira, tenho 81 anos. E tô vivendo. Sou uma viúva, mas desde que meu marido morreu, graças a Deus eu nunca mais eu precisei de querer homem para botar na minha casa. Solteira todo o tempo.

Então eu vivo [sorriu].

Não tenho mãe, não tenho mais pai, só mesmo quem “veve” do meu lado é as minhas filhas e meus filhos, como comparado a uma touceira de banana, com as filhas ao redor. Assim que eu vivo com as minhas filhas aqui. (Dona Magnólia, 2023).

“Memórias da infância no Paraná do Espírito Santo”

[...] a região de Jutai é ocupada por índios Kokama em tempos imemoráveis. Contudo, a profundidade temporal registrada na memória do grupo, em questão, indica a virada do século como momento da chegada de seus ancestrais Kokama que vieram do Peru. [...] formando a Aldeia Espírito Santo e Porto Alegre. (Itacaramby, 1999, p. 2).

Quando perguntada sobre sua infância, como era, onde viviam seus pais, dona Magnólia prontamente respondeu:

Eu nasci no Paraná do Espírito Santo, acima da foz do Jutai, um dia de viagem. Não sei, já estou quase perdendo quase. A infância quer dizer a gente se divertir? Dançar? [...] Quando eu era criança eu brincava, eu pulava na água, corria por aí com os outros brincando, assim como as meninas como essas crianças. Aí eu fui ficando moça, aí comecei a namorar já e pronto [risos]. [...] Aí nós fazia nossas bebidas, nós ia beber, comer. A comida que a gente fazia era Pajuaru, comida de peixe. (Dona Magnólia, 2023)

Em um relatório de Lima (1998), encontramos uma menção à associação e ao nome de Magnólia e de outras mulheres que se somaram a esta luta. Esse documento trata da apresentação do Projeto Corredores Ecológicos – PCE aos Povos Indígenas do Médio e do Alto Solimões.

Quando ele era vivo (marido) nós andava para todo o canto, em reunião, encontro, nós ia para o Marajai, ia para o Porto Praia, nós ia para o Maraã, nós ia para o Uarini, pra todo o canto eu ia com ele.

Lá um dia o Primo André vai e me chama para ser representante das mulheres. Meu Deus do céu, eu não sei ler!

Eu não me lembro em que ano foi. [...] Eu cheguei num planalto bonito, cheio de gente, mas só índios. Aí aquele homem disse: – Olha esses aí é parente de vocês, são Kokama. Aí minha irmã, eu vi um índio com um pauzão metido aqui na venta, da grossura do meu dedo. Eu pensei: meu deus do céu esse homem não morre sem fôlego? [risos intensos] Aí a Marlene, ela já sabia mais né? Ela disse: – Não se espanta, que esses aí são daqueles índios Urubu. Aí nós ficamos apreciando. Quando foi a tarde, naquele planalto é gente, gente, gente... Mas só os parentes, não tem branco. [risos] (Dona Magnólia, 2023).

Em nossa conversa com dona Magnólia, perguntamos sobre as memórias de músicas na língua Kokama que, na sua infância, cantavam na aldeia, e ela respondeu:

Não, isso aí nunca nós cantemos porque a minha avó, mãe do meu pai, a finada Roca Rosa, ela falava a língua geral e ela falava gíria, que a gente não entendia, ela podia até ralar a senhora que a gente não entendia o que ela queria dizer.

Só que ela era bem cabelo crespo, vermelho e branca, a minha avó. Por isso que a Marlene é assim, com os olhos dela azul. Mas ela era Kokama, e falava só na língua. Ela ia embora para roça com o finado vovô, agora o vovô não dizia nada.

Papai ia pescar e chamava: – Bora Raimunda e deixa a Magnólia ficar aqui com a

Leonor. Aí, ela chegava: – Ur, ur. A gente respondia: – O que é vovó? – Cadê “macanomama”? – “Maconomama” foi pra roça! Ela dizia: – Já tá aprendendo. Ela que fala Kokama. – E “maconopapa”? – E “maconopapa” tá lá na roça ou no meio do rio pescando matando tambaqui na piracema. Ela achava graça, [inaudível] pois nós já estava aprendendo a língua. Aí foi um dia que a mamãe achou nós nessa putaria com a velha, né? [...] Ela ralhou com nós. Aí a velha dobrou e foi embora. Mamãe tinha raiva, se nós “falasse índio”, deus o livre, ela preferia dá em nós do que amar nós com essas palavras. E onde nós mais tava perdendo, e estamos perdendo até agora. Né? Se não hoje em dia nós sabia bem falar. Não davam valor não as coisas dos índios, não podia falar Kokama. Porque não queriam isso, eles não eram índios, eram brancos. – Índio é bicho do mato. Ela falava pra nós. E nós ficava calado (fala Kokama inaudível) podia ralhar.[...] – O vovô tava cantando uma música tão bonita, diz ele que é a música dos Kokama. [suspiro] – Ah, meu deus, pode parar com isso mesmo! Então entrou [a vovó] no meio: – Então canta minha filha, se tu achou bonito, canta. Tu aprendeu? – Eu aprendi. Era a cantiga dos índios quando tomavam cachaça. E a mamãe, puta dizia: – É, ela ainda vai apanhar por causa dessas frescuras. Eu ficava calada, não dizia nada, [inaudível] com medo de apanhar.

[...] não vai cantar no meio de gente, que isso é música de índio, não é de vocês não. Mamãe não entendia, hoje nós estamos correndo atrás da nossa natureza, e não tem. Que ela [mãe] cortou pelo meio, que a velinha tava ensinando nós falar a língua. Ela veio e ralhou a velinha. Quando eu fui cantar a música do meu avô, que ele tava cantando bêbado, ela veio me ralhar. Aí eu parei. (Dona Magnólia, 2023).

Após esse relato de dona Magnólia, em uma conversa fluida e com os questionamentos pairando em nossa mente, indagamos a ela se sua mãe era do povo Kokama e tivemos a seguinte resposta:

Era, mas ela se fazia de “lesa”, parece. Que não quer ser índia. Ela queria só ser branca. Você não vê os outros? “Deus me livre ser índio!”. Não é que eles falam? (Dona Magnólia, 2023).

Os conflitos e a negação do uso da língua Kokama fazem parte do projeto político integracionista, que visa homogeneizar as culturas indígenas, em concordância com um projeto de hegemonia nacional. Como consequência dessa política, temos poucos falantes e uma situação de quase extinção da língua Kokama.

A mãe da wija Magnólia era indígena e morava dentro da aldeia com todo o seu núcleo familiar. No entanto, não se reconhecia como indígena e se considerava “branca”. Afinal, os indígenas eram considerados “bichos do mato”, sem cultura, sem civilização, “animais bestas” que não conheciam o valor do dinheiro. Essas e tantas outras frases de cunho preconceituoso encontraram nossos ouvidos ao longo da vida.

Atualmente, a pesquisadora indígena Altaci Rubim Kokama é uma das referências no processo de vitalização da língua. “A língua vitaliza a cultura Kokama além das fronteiras. [...] A língua Kokama não desapareceu no Brasil, e nem no Peru, porém corre risco de extinção, necessitando de força para ser cada vez mais fortalecida” (Rubim, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho traz reflexões que estão sendo amadurecidas pelo processo da vivência da pesquisa científica. É importante salientar que nos entendemos como parte desse processo, que é construído coletivamente e visa “aldear” mais esse espaço de produção e sistematização de conhecimentos, que é a Universidade. Acreditamos que, dessa forma, as trilhas do conhecimento vão se aprofundando do ponto de vista de uma investigação científica.

No sentido de entender esse processo de reafirmação cultural do povo Kokama, na conclusão deste texto, podemos destacar três observações a respeito da escrevivência de Magnólia Kokama. A primeira é a dinâmica da vida em aldeia, afetada diretamente pela negação do uso da língua Kokama e, conseqüentemente, pela negação da própria identidade. Segundo, a intensa presença de mulheres indígenas no processo de emergência das identidades dos povos indígenas do Médio Solimões, que de forma coletiva reafirmam a importância do movimento como um todo. E, por fim, o terceiro aspecto a ser ressaltado é o sentimento de pertencimento sendo fortalecido pela reafirmação da consciência coletiva de diferentes povos.

Nesse movimento de ir e vir, dos conceitos e tempos, é que percebemos que as nossas culturas são condicionadas ao tempo e aos modos como são entendidas nesse tempo. Lévi Strauss (1952) faz apontamentos importantes sobre o modo como vemos esses movimentos da cultura, criticando o tom evolucionista em que são analisadas as culturas não europeias.

Por fim, refletimos sobre a dinâmica cultural que vivemos. Por um lado, tentando a todo custo nos agarrar aos reservatórios culturais dos nossos povos, lembrando os significados da vida em coletivo. Por outro lado, presenciando a ação do capital no seio das nossas relações, com sua visão evolucionista, influenciando o consumo predatório das fontes de vida da Mãe Terra.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; RUBIM, Altaci Corrêa Rubim. Kokama: a reconquista da língua e as novas fronteiras políticas. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 4, n. 1, p. 67-80, jul. 2012.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Ubu Editora, 2013. 432p.

EVARISTO. Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.

ITACARAMBY, Kênia Gonçalves. Resumo do relatório de identificação e delimitação da Terra Indígena Espírito Santo. **Diário Oficial da União**, Brasília, 9 abr. 1999. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/relatorio-de-identificacao-e-delimitacao-da-terra-indigena-espírito-santo-resumo>. Acesso em: 12 ago. 2023.

LIMA, Débora de Magalhães. **Relatório da apresentação do projeto corredores ecológicos aos povos indígenas do Médio e do Alto Solimões**. Instituto Socioambiental, 1998.

RUBIM, Altaci Corrêa. **O reordenamento político e cultural do povo Kokama: a reconquista da língua e do território além das fronteiras entre o Brasil e o Peru**. Brasília. 2016. Tese (Doutorado) – (Universidade de Brasília), Brasília, 2021.

STRAUSS, Claude Lévi. Raça e história. **Antropologia estrutural**. 1952.